



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

# A guerra social

XIV

## A Rússia e o regime bolchevista

A política da Entente para com a Rússia Bolchevista impediu durante muito tempo que os ocidentais conhecessem o que em realidade existia na Rússia. O processo de atafalhar os cérebros que os jornais capitalistas empregavam tornava suspeitas as suas informações. Portanto, quasi que nada se conhecia do que realmente existia nos miríadimos quadros que se estendem do Golfo do Báltico ao Mar Cáspio e do Vístula, do Bug ou do Dnieper ao lago Baskal e ao Amour. Poder-se-ia quando muito fazer uma ideia mais ou menos imperfeita, atastando, comparando, discutindo as informações na sua maioria contraditórias de alguns ingleses ou americanos que tinham vivido pouco ou muito na Sovdepiá.

Mas a verdade não se pode conservar, durante muito tempo, assalhada. Acaba sempre e depressa por derrubar os obstáculos que se opõem ao seu conhecimento. Isto é um fenómeno constantemente observado na história da humanidade. E se os homens aproveitassem os ensinamentos da história, nunca procurariam nem ocultar, nem aniquilar a verdade. Mostrá-la-lhe nua e crua. Mas os homens não são sensatos. Procuram iludir os outros e são por seu turno vítimas dessa ilusão, não conseguindo impedir por este meio o conhecimento da verdade, entretanto retardando com grave prejuízo seu e de todos. Por isso é que só agora se começa a ter conhecimento da realidade dos factos na Rússia Soviética. Este conhecimento da realidade sobreviu após as legendas crínicas da ausência das informações, e estas legendas, fruto duma imaginação sem exame motivada pela ignorância, são naturalmente muito diferentes da realidade. Muitos melhores do que ela. O resultado de tudo isto é que presentemente a verdade real encontra grandes dificuldades para ser aceite por todos os que orçaram uma Rússia Soviética, segundo os seus sentimentos, as suas predilecções, o seu raciocínio. Os dirigentes do Ocidente, no seu afan de atafalhar o cérebro das massas dirigidas caíram nos próprios laços que armaram. A crua verdade teria sido para eles de maior proveito, porque não se teria formado a creola hoje existente em torno do Bolchevismo.

### Os inquiridos e os inquiridores na Rússia

Qual é pois a verdade real sobre a Rússia Soviética? Presentemente podemos conhecê-la nas suas grandes linhas, graças aos relatórios das missões britânica e italiana na Rússia. Não falo da missão francesa, porque um dos seus relatores, o sr. Frossard, disse: «Não tenho críticas a fazer sobre o que vi na Rússia e se tivesse que as fazer, não as apresentaria». Por outras palavras: guardo a verdade para mim e só digo o que serve aos meus interesses, aos meus fins políticos. Isto mostra um estado de espírito espiatório, porque revela o desprezo completo pelas massas humanas julgadas só para crer e obedecer. Os relatórios italiano e britânico parecem imregnados dum estado de espírito completamente diverso, pois que se mostram inspirados pela pesquisa imparcial da verdade, isto é, compenetrados do verdadeiro espírito científico, posto que os «missionários», com excepção de dois ou três, não fossem na realidade cientistas. Baseando-nos portanto nos relatórios dos delegados operários britânicos e italianos, pode-se formar uma ideia da verdadeira situação económica, política, psicológica e moral da Sovdepiá.

### A situação industrial e comercial

A situação económica é no seu conjunto lamentável. A indústria falha de ferramentas e de máquinas, falha de técnicos e de mão de obra especializada, mesmo estado deplorável. A produção é bem menor que sob o regime pré-bolchevista, não só por causa das condições precedentes, mas ainda por motivo da própria natureza da exploração e do trabalho. Este exerce-se sob uma fiscalização estatal, burocrática. Os trabalhadores mais ou menos trabalham sempre sob um sistema de opressão permanente. O resultado é a diminuição da produção, em condições normais daria o mesmo operário, como trabalhador livre. A falta de máquinas-ferramentas é devida às condições criadas pela guerra mundial. A duração desta guerra gastou toda a ferramenta industrial não permitindo a sua conservação nem renovação. As outras condições de imperfeição industrial são principalmente devidas às condições do pós-guerra, à derrocada do estado político então existente, e à sua substituição por um novo estado, que procura a sua estabilidade sem ainda o ter conseguido. A indústria foi mais ou menos socializada, isto é, em verdade, tornou-se propriedade do Estado e exercida por uma burocracia estatal.

Outro tanto sucedeu com o comércio. Cessou de ser livre, tornou-se um serviço estatal, naturalmente, burocratizado. Ao lado deste comércio oficial, público, existe um comércio clandestino, a que se entrega toda a gente quando de o serviço de transportes está desorganizado pela usura do material, em consequência da guerra e dos anos que após ela se seguiram, sem que fosse reparado por causa do bloqueio. As trocas fazem-se por intermédio de novos orçamentos, muito autocráticos e não suficientemente maleáveis para se adaptarem a todas as condições ambientais, por estarem muito centralizados.

A instabilidade do estado comercial agrava-se pela situação monetária. Os desdobrapel, os únicos existentes, circulam por dezenas de bilhões. O seu poder compra ainda não é zero, mas sem cessar tende para isso.

### A situação da agricultura

As consequências desta situação comercial e industrial fazem-se sentir na agricultura. O ferramental agrícola falta. O cultivador está impedido de trocar a colheita pelos produtos industriais que necessita. Notas do banco não são úteis. Para ele são papéis sem valor. Como consequência deste estado de coisas restringe a produção. Como as cidades tem fome é forçado a alimentá-las, o que deu lugar a ir-se aos campos requisitar víveres. Mas se o camponês não recebe abundantemente, sabe entretanto resistir por uma forma passiva, e como consequência a produção agrícola tem diminuído. Por outro lado os transportes dificultam a distribuição dos produtos agrícolas donde provém a fome para os centros urbanos. Há dois anos que o povo russo das cidades se encontra num estado de sub-alimentação. O que é uma consequência da guerra e da Revolução, da Revolução, simplesmente porque os dirigentes ocidentais que estrangularam a sua vida não se dão conta da situação da agricultura. Mas se a fome é geral nas cidades russas, os campos alimentam-se, se não bem, pelo menos suficientemente. O que lhes falta é vestuário, roupas, calçados, ferramentas, como a necessidade é mãe do engenho, os campos criaram toda uma nova indústria local, pela força das coisas, um pouco primitiva nos meios, mas que procura fornecer-se de vestuário, calçado, etc., o que em parte tem conseguido a indústria alda. O isolamento da Rússia do resto da Europa tende a fazer crescer e a desenvolver-se no país uma indústria autochthona, que se espalha por toda a parte, em pequenas oficinas colectivas nascidas espontaneamente. Esta situação é prehe de largas consequências sobre o estado psicológico da população.

Esta, no período da ante-guerra era simplesmente operária por conta dos grandes proprietários feudais de cujas terras se apossou. Tomou-lhes os campos, os prados, as florestas e considera-as como sua propriedade individual, o que, teoricamente, o Estado seja proprietário do solo e o cultivador sim-subsistente. E é esta posse do solo pelo camponês que permite que este o governo bolchevista, apesar das contrariedades que sofre, preferindo-o a outros governos, mais ou menos, para ele, representantes do Antigo regime onde vivia sem terra. A Revolução camponesa é um facto concluído. A mais reaparecerá na Rússia a propriedade feudal. Mas a revolução comunista ainda se não realizou.

Em suma, sob o ponto de vista económico, pode-se admitir como o faz a opinião da C. G. T. italiana na Rússia que «a revolução bolchevista destruiu o capitalismo, mas ainda o não substituiu por qualquer coisa que deva responder às necessidades de um povo civilizado».

Augusto, Hamon,

## O comunismo na Itália

### Um caso curioso

Entre os casos de comunismo agrário que se deram na Itália, merece especial menção o ocorrido nas propriedades do marquês Balbi de Piovra. O velho castello do marquês está situado nos arredores de Alexandria; rodeiam-no extensos jardins e residem neles as famílias de aldeões que até agora dependiam do marquês. O movimento comunista iniciou-se porque, tendo os aldeões formulado um pedido de melhorias, não o entenderam o marquês digno de resposta. O protesto dos aldeões chegou aos ouvidos dum grupo de socialistas da Alexandria que aconselharam os trabalhadores rurais a apossar-se das terras, para obrigar o marquês a arrendá-las.

Os aldeões tomaram posse das terras e das sementes da última colheita, armazenadas ainda em várias dependências do castello, e imediatamente enviaram um ultimatum ao proprietário: «Arrende-nos as terras — dizem eles — dar-lhe-hemos a quarta parte das colheitas. Os títulos de propriedade continuaram em seu poder».

O marquês pensou em repelir a fórmula; mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietário. Até esse momento os rurais viviam um salário de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover às suas necessidades.

As imensas propriedades do marquês de Piovra estão hoje sob a administração duma cooperativa operária. O marquês comprometeu-se a dar um salário nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermédias das colheitas.

Estas vender-se não no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês; 25 por cento do produto total serão adjudicados aos operários; desta quantia serão deduzidos os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês; os restantes 25 por cento ficam para o proprietário, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavoura, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as sementeiras.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriaram a bandeira vermelha que se hasteara no castello, e volveram às suas habituais ocupações, como se nada houvesse sucedido.

## A questão social em Espanha

### Em Barcelona continua a situação a ser gravíssima

BARCELONA, 3. — A maioria das fábricas pararam em consequência das greves dos maquinistas e fogueiros. O governador não encontrou pessoal para reparar os cabos dos eléctricos, continuando a paralisação dos mesmos.

Continuam as agressões pessoais, sendo a situação gravíssima, havendo muitas prisões. Os novos crimes em Tarrasa aumentaram a indignação. — *Rádio.*

### Excitação operária em Saragoça

SARAGOÇA, 3. — Reina grande excitação entre os operários em razão dos patrões não consentirem que se abram as fábricas e oficinas, sendo a causa principal o estado social aumentado pela constante emigração. — *Rádio.*

### PELO SUL E SUESTE

## Restabelecendo a verdade

Não é verdadeiro o boato, de que se fez eco a imprensa, relativo à apresentação, na estação do Sul e Sueste, do chefe dos revisores. De verdade há apenas o facto de estar ao serviço, desde o início da greve, o sub-chefe dos serviços Ballarim, em serviço na 4.ª secção, Faro, e os revisores Martinho e Sousa que fizeram a sua apresentação na estação de Lisboa.

Devemos também esclarecer o público de que não conhecemos no Sul e Sueste estação ferroviária com aquele nome.

## Os mineiros ingleses

### Mantem-se em atitude pacífica

LONDRES, 3. — O resultado da votação nos termos propostos para terminação da greve mineira, demonstrou que os mineiros estão fortemente resolvidos a manter-se em atitude pacífica. Até agora receberam-se informações de treze distritos mineiros e apenas em dois houve uma maioria que se manifestou hostil aos acordos.

Em oito distritos de Northumberland, sete resolveram aceitar o acordo.

Os últimos números mostram que dez mil seiscientos cinquenta e dois aceitam as condições oferecidas e cinco mil trezentos cinquenta e dois combatem-nas. — *Rádio.*

## Na Irlanda

### Continuam os distúrbios

LONDRES, 3. — Tem havido mais assassinatos e represálias na Irlanda.

Ontem foram assassinados três polícias e um soldado e dois civis foram por seu turno mortos pela polícia, houve ainda mais quatro polícias, dois soldados e quatro civis feridos.

Os militares fizeram grande número de raids em Dublin, tendo entre outros edifícios assaltado a Universidade Nacional. — *Rádio.*

## UM LONGO ROL DE INFAMIAS

### Para maior glória da República e do sr. António Granjo

#### Liberdade de imprensa

**Prêso por escrever artigos! Prêso por ser editor do jornal onde esses artigos vieram insertos!**

Os jornais de ontem publicavam a seguinte notícia, sem um protesto, sem um comentário:

*Ontem à noite, foram chamados à polícia de segurança do Estado, os srs. Simão Laboreiro, César da Cunha Belém e Horácio Silva, respectivamente director, redactor e editor do jornal O Tempo, que foram largamente interrogados pelo major sr. Marreiros, director daquela policia, acerca de uns artigos publicados no respectivo jornal, atacando a força armada.*

*Ficaram detidos os srs. Laboreiro e Horácio Silva, que recolheram a um dos calabouços do governo civil, devendo seguir hoje para a cadeia do Limoeiro e sendo o respectivo processo enviado ao Tribunal Militar.*

*O primeiro é acusado como autor dos referidos artigos e o segundo como editor responsável do jornal que os publicou.*

*O sr. César da Cunha Belém não ficou prêso por não ter responsabilidade nos referidos artigos.*

Se o valor desse papelucho, já de si essencialmente reaccionário, que para af diziam vigorar sob o nome de lei de imprensa, se anula perante a omnipotente ditadura da Polícia de Segurança do Estado, melhor é declararem-no revogado os homens do Poder. A situação ficaria assim mais clara. Verdade seja que o jornalismo, em Portugal, é o principal culpado do regime vexatório e vergonhoso a que a imprensa está sujeita neste país. A prisão do director do Tempo, tam arbitraria, tam infame, merecia bem, da parte dos outros jornais, um protesto veemente, espontâneo, decisivo, não a meia dúzia de linhas que a praxe hipócrita manda consignar nas primeiras páginas, períodos lamurientos mas inertes, protestos com literatura mas sem sinceridade — mas uma manifestação de consciência e energia, a revolta duma instituição cujas funções estão sujeitas à fiscalização humilhante duma policia, da pior das policias. Não se trataria aqui duma manifestação de solidariedade, nem nós somos tam ingenuos que suponhamos possíveis manifestações de solidariedade entre os jornais — a menos que se trate de resistir a quaisquer legítimas pretensões operárias. Mas não, não se trataria aqui duma solidariedade incompatível com o egoísmo das empresas: tratar-se-hia simplesmente de defender as prerrogativas da imprensa, tam brutalmente desrespeitadas, profanadas pela policia, pela pior das policias.

Nós também não devemos ao sr. Simão Laboreiro solidariedade alguma. O Tempo, consideramos-lo um jornal prejudicial e desorientador. Não temos recebido dele senão ofensas, não temos a agradecer-lhe senão calúnias. Não os esqueçamos esta circunstância nunca. Mas isso não importa. Dê-se-se até o caso de serem ofensivos para nós os artigos que motivaram a prisão do sr. Laboreiro que nem mesmo assim poderíamos calar, a respeito dessa prisão, o nosso protesto. Nem mesmo cuidamos de saber de quem se trata. Trata-se, para nós, dum homem que escreveu num jornal — não lemos os escritos nem isso importa — por esse facto foi chamado à policia ficando detido, juntamente com o editor do jornal, que o acompanhava. E isto, apenas, o que extremamente nos indigna. O sr. Laboreiro falte-se a verdade dos seus escritos? E

possível. Foi o Estado o caluniado? O Estado que procedesse então segundo as normas da lei, normas que nós aliás não aceitamos por sermos irreduzivelmente antilegalistas, mas contra os quais o sr. Laboreiro não tem o direito de rebelar-se, visto defender uma organização social em que as leis e o princípio de autoridade perduram.

Foi um particular o insultado pelos artigos do Tempo? O particular que procedesse então, ou apresentando as autoridades a sua queixa ou partindo a cara a quem o ofendera — conforme a sua consciência moral o aconselhasse. O atingido podia ainda, pesando bem a gravidade do insulto, e considerada a qualidade do insultador, não adoptar nenhum procedimento, desprezando apenas calúnias que o deixavam indemne — porque não insulta quem quer.

O que é inadmissível é o procedimento adoptado agora. A prisão por escrever é um dos mais graves atropelos que a liberdade de consciência podem ser dirigidos. E o silêncio dos jornalistas, a sua quietude, mostram bem o nível moral da imprensa portuguesa — uma imprensa que se de xá passivamente submete à tutela vergonhosa da policia, da pior das policias, sem um gesto de revolta, sem uma manifestação de brío.

**Prêso esbofetado e agredido com uma coronhada na cabeça**

Na gare do Barreiro encontrava-se ontem o nosso camarada ferroviário Cebola, guarda-freio, quando, tendo-o reconhecido o chefe dos armazéns gerais Fuschini, o foi apontar ao tenente Accioly, da guarda republicana, procedendo este à prisão do camarada Cebola e conduzindo-o depois à presença do capitão Abranches, do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro. O capitão, que tomou para seu assento uma carruagem-salão, interrogou dentro desta o detido, acabando por agredido com uma bofetada. Insultado de tam insolita maneira, o camarada Cebola, no auge duma justa indignação, abriu uma das portas do salão protestando contra a sua injustificada prisão e contra a agressão infame de que vinha de ser vítima. Em presença desta enérgica atitude do Cebola vários oficiais da guarda republicana acorreram, levando o detido para o escritório do chefe, onde procederam a novo interrogatório. O camarada Cebola foi em seguida conduzido para o vapor Atalaia, que o traria a Lisboa, fazendo este trajeto sob a guarda duma escolta. Já no vapor, e tendo avistado na ponte um ferroviário mobilizado, o nosso camarada chamou-o, pedindo-lhe que comunicasse à esposa a sua prisão. Apenas por este facto, um dos soldados que guardavam o prêso, alcançando a cabana, agrediu selvaticamente o nosso camarada, com uma violenta coronhada na cabeça, deixando-o gravemente ferido. Esta bárbara violência, presenciada por muitas pessoas, marinheiros e tripulantes do Atalaia entre elas, indignou toda a gente, como é de supor, e bem claramente foi essa indignação exteriorizada.

Um sinal dos tempos, um aspecto, talvez o mais característico do ambiente em que vivemos, este da agressão brutal a prêsos. Com elas se regosijam provavelmente as autoridades superiores, cúmplices senão ordenadoras desta série interminável de violências, deste rol interminável de infâmias que promete não ter fim.

A agressão selvática de que ontem foi vítima o nosso camarada Cebola aqui a deixamos registada. Resta-nos observar a conduta que, em face deste facto, adoptam as autoridades.

## Empregados de fotografia

Uma recita em beneficio da sua cooperativa e de A BATALHA

Deve realizar-se no próximo dia 13 uma recita em beneficio da cooperativa de produção da Associação de Classe dos Empregados de Fotografia e de A Batalha, sendo o espectáculo levado a efeito no teatro Gil Vicente, à rua da Voz do Operário, sendo o programa o seguinte:

*Missa Nova, drama em 1 acto; um acto de variedades, e A Pegureira, opereta em um acto.*

Tendo a direcção daquele sindicato enviado para vários organismos operários alguns bilhetes para esta recita, espera que a classe trabalhadora auxilie na medida do possível tam simpática como significativa ideia.

## Aos operários da construção civil

Do Sindicato Unico da Construção Civil recebemos a seguinte nota:

**Camaradas:** — A organização operária está atravessando uma época de perseguição, por parte das autoridades governamentais, que atinge o cúmulo da arbitrariedade. Reunidos ontem em assembleia geral, a policia, por ordem do governador civil, entendeu por bem dissolver a nossa reunião dizendo que aquela autoridade não consentia que as classes reunissem em conjunto. Quer dizer, esse senhor não concorda com os Sindicatos Unicos.

Preguntamos aos camaradas: Devemos curvar-nos perante as violências do sr. governador civil? Não! O governador civil, vendo no Sindicato Unico

de trabalhadores da construção civil e reconhecendo que os operários em conjunto tem mais força para prevalecer os seus direitos, pretende, nem mais nem menos, do que esmagar a nossa organização.

Mas, desiludido-se o sr. governador civil que não o conseguirá, pois que os operários da construção civil tem um grande amor pela sua organização e o Sindicato Unico há de seguir a sua marcha, embora arrostando com todas as perseguições da burguesia.

## Pela Rússia

O que constata o escritor inglês Wells

PARIS, 3. — O célebre escritor inglês H. G. Wells, que visita actualmente a Rússia, não parece fazer uma grande ideia da organização bolchevista. Wells constatou que a situação dos camponeses russos não se modificou e que por seu turno toda a restante vida económica e pública se esfacelou e abateu.

O partido comunista, composto de cerca de 100 mil pessoas, mantém oficialmente a ordem e estabeleceu o sistema de racionamento que só é possível na Rússia actual. — *Rádio.*

## Cadernetas sindicais perdidas

Os operários Francisco Paulo Ferreira e José Ferreira, da Póvoa de Santa Iria, perderam as suas cadernetas sindicais, pedindo a quem as encontrou o favor de as entregar ou naquella localidade, a Francisco Vitor, chauffeur, ou nesta redacção.

## Trabalhadores: Lede e propague

A BATALHA

## AS GREVES

### Os ferroviários continuam em luta

Não desagrada ao governo que ainda se mantenha a greve ferroviária. Pelo menos assim o demonstra a sua atitude intransigente. No entanto o país sofre com essa intransigência, o material daificase constantemente como se tem visto e o público, que viaja nos comboios que se conseguem fazer, tem sempre a sua vida em risco e a prová-lo estão os desastres que se veem registando.

A boa vontade, por parte dos ferroviários, para que o conflito se solucionasse, não pode negar-se. O governo, porém, não o entende assim. Conserva-se no seu mutismo e tudo corre à mercê da sua negligência, como se esta situação fosse muito natural e com ela ninguém tenha prejuízos.

O Estado tem perdido algumas centenas de milhares de escudos, não contando com a danificação do material circulante, que já deve subir a elevadas importâncias.

E assim continuará até quando o governo quizer.

### Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferroviários do Estado

Não sofreu alteração o movimento de greve tanto no Sul e Sueste como no Minho e Douro, mantendo os grevistas a mesma atitude de firmeza dos dias anteriores.

O governo mantém a sua intransigência e os desastres sucedem-se, pon-do em risco a vida e os haveres do público.

Devido à imperícia de pessoal que tripulava o comboio correio do Porto de ante-ontem, mais um gravissimo desastre se registou, do qual resultaram mortos e feridos de gravidade, embora as notícias reputadas officiais pretendam fazer acreditar o contrario. A continuar este estado de coisas, em breves dias ficarão as empresas sem material com que possam garantir as comodidades do público que paga, as vítimas aumentarão e o governo assiste a isto indiferente, brincando assim com os interesses do público.

Os grevistas manterão a sua attitude, pacientemente, através de todos os sacrificios, até que uma criatura de bom senso se resolva a liquidar este conflito criteriosamente.

### De Barcelos

#### A normalização dos serviços

BARCELOS, 30. — C. — Ao contrario do que a imprensa burguesa tem dito a greve ferroviária continua nesta data, sem enfraquecimentos, desde o Porto a Monção.

O público sensato bem depreende que essa imprensa está alugada e bem paga pela República de Manto e Corôa. Dizem antigos monárquicos que é uma irritação e uma vergonha!!

O comboio correio n.º 1, ascendente, do dia 28 do corrente, chegou a Monção com 8 horas de atraso. A sua condução até Monção, foi uma vergonha!! Aqui e acolá, como a antiga mala-posta, parava para dar sopas às muelas!! Uma pobre senhora doente descreveu-nos isto como a maior das indignações!!

As máquinas estão avariadas. A linha está uma calamidade. Aqui e acolá está cheia de avarias. O pessoal de Tracção e Oficinas, tem sido muito activo e muito digno. Bom seria que para o futuro o do Movimento o imitassem. Não tenham desfalecimentos. Coragem.

### No Minho e Douro

A direcção do M. D. quer serrar-lhes para o material estragado ser reparado — Como os queria conseguir — Daqui a pouco não há nenhum comboio — A firmeza dos grevistas — Adesões

PORTO, 31. — C. — A direcção do Minho e Douro convidou 32 candidatos, desta cidade e arredores, a apresentarem-se amanhã ao serviço nas oficinas. Publicou os seus nomes nos jornais, e assim procurou demonstrar ao público e aos grevistas que o antigo pessoal se vai substituindo por outro novico, em obediência à recente inscrição aberta. Segundo, porém, informações colhidas, os candidatos convidados a apresentarem-se amanhã nas oficinas da estação de Campanhã, são indivíduos que, há quatro e cinco anos, enviaram à direcção requerimentos solicitando a sua admissão nos caminhos de ferro. Nunca foram despachados, porque tinham preferência os parentes, principalmente filhos dos empregados. Neste momento, a direcção do Minho e Douro lembrou-se então de os convocar, porque os indivíduos chamados são serralleiros, de uma urgente necessidade para a composição do material avariado. Se a direcção não conseguir, por qualquer maneira, alguém que repare as graves avarias nas máquinas daqui por mais algum tempo, se a greve não terminar, não terá um único comboio — estará todo o material esfrangalhado. Alguns dos convidados foram à direcção do M. D. indagar das condições a que ficavam sujeitos. Eram estas: 3500 esc. diários, e terminado o conflito ficavam os primeiros a ser chamados a ocupar as vagas que se fossem dando. Regretaram: primeiro, porque iam traír camaradas seus; segundo, porque, cá fora, em oficinas particulares, auferem 5500 esc. diários, mais 2500 esc. do que concede o Estado; terceiro, porque era um emprego provisório e, portanto, inaceitável. Isto leva-nos a acreditar que ninguém se apresentará, posto que as condições são muito inferiores, quer moral, quer materialmente falando.

**Ferroviários da C. P.**

Nota da comissão de demarches

Tendo ontem a comissão de demarches entrevistado por duas vezes o ministro do comércio, e em face da sua intransigência absoluta no respeitante ao contrato individual do trabalho, da acordo com a Companhia, resolveu a comissão desligar-se do compromisso tomado com a classe, deliberando esta, na sua reunião de hoje, prosseguir na luta até satisfação completa das suas reclamações.

Resolvem mais lançar um manifesto ao país, expondo as causas da não solução do movimento.

### Operários alfaiates

Mantêm-se o movimento desta classe, a qual reuniu ontem, com a costumada concorrencia, Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi apreciada a nota do comité.

Sobre a marcha do movimento falam vários camaradas, apreciando um officio que pela comissão delegada dos

No entanto, o Comité grevista faz um apêlo à União dos Sindicatos Operários, às Associações de classe e a todos os operários conscientes, «para que não permitam nem traliam o movimento grevista dos ferroviários, indo prestar serviços para as diferentes oficinas dos Caminhos de Ferro, ou quaisquer outros que com os mesmos se relacionem».

O último decreto granjola mais fez irritar os grevistas, pois, segundo as suas disposições, ao cabo de quinze dias de doença, tira um quinto ao ordenado do empregado enfermo, e ao fim de 30 dias, é arremessado para a infidelidade! Humilhação sobre humilhação. Desta arte, o governo está unido cada vez mais a classe ferroviária, visto que ela, a submeter-se a tais jesuíticos vexames, ficaria excepcionalmente escravizada, como nunca foram os negros africanos! O Comité, que sintetiza o pensar dos grevistas, declara que o pessoal em greve está nas melhores disposições em continuar lutando pela vida, com o mesmo ardor dos primeiros dias do movimento. Prefere a classe ferroviária, votada agora ao ostracismo pelos donos do poder, ter de perecer entre baionetas aliadas e dextramente manejadas pelos delensores do capital, a ter de retomar o serviço em condições despiçadas».

A União Ferroviária, no intuito de socorrer os mais necessitados, deliberou, empregando para isso parte do seu capital, abastecer de gêneros a Cooperativa dos maquinistas e fogueiros, que, de amanhã em diante, os distribuirá mediante senhas especias e conforme as instruções das Comissões dos diferentes serviços. É uma excelente medida, pois há grevistas que carecem da solidariedade de todos aqueles que a podem prestar.

Reuniram os operários manufatureiros de calçado, a fim de se occuparem da greve dos ferroviários, da selvagem intransigência do Granjo e da arbitrariedade cometida pelas autoridades, mandando encerrar os sindicatos ferroviários. O delegado desta classe à União dos Sindicatos Operários expôs as resoluções tomadas pela União, depois do que ficou resolvido aderir a qualquer movimento que a C. G. T. venha iniciar, por solidariedade para com os ferroviários.

Para idéntico fim, reuniram também as classes da indústria do mobiliário. Apreciaram, detidamente, a politica reaccionária do governo, que atenta provocadamente contra os mais racionais princípios de liberdade, alguns dos quais consignados, para inglês ver, na Carta Constitucional Republicana. Apreciaram dar todo o apoio à C. G. T. coadjuvando qualquer movimento que a Central dos Sindicatos ponha em prática, em auxilio das classes ferroviárias em luta.

### Os ferroviários das linhas do Porto à Póvoa e Famalicão virão para a greve?

PORTO, 31. — C. — Entre os ferroviários das linhas do Porto à Póvoa e Famalicão reina o maior descontentamento, mercê do procedimento incorrecto usado pela Companhia. Esta prometeu coisas e coisas ao seu pessoal, esperando, porém, visto que os seus escassos recursos financeiros não a permitiam ir muito longe, que o governo consentisse no aumento das tarifas. Ora o Granjo-la, que é inimigo irreconciliável dos ferroviários, mas compadre amicissimo das Companhias, concedeu a autorização do agravamento das tarifas, para que a Companhia dos Caminhos de Ferro do Porto à Póvoa e Famalicão pudesse, generosamente, melhorar a situação dos seus escravos. O aumento das tarifas concedido trás, segundo quem percebe da dada, uma receita provável de 300.000\$000 anuais! Pois sabem os leitores quanto a Companhia dá ao seu pessoal, satisfazendo as suas reclamações? 60.000\$000 anuais, numa distribuição de 20\$00 e 6800 mensais a cada empregado. Lucra, portanto, a pobrissima Companhia, 240.000\$000 anuais! Ficam os ferroviários com a fama de serem os causadores do agravamento dos serviços dos caminhos de ferro e a Companhia embolsa duzentos e quarenta mil escudos!!

Os ferroviários dos caminhos de ferro do Porto à Póvoa e Famalicão não querem, porém, ir no bote, considerando a oferta da Companhia uma afronta.

E por que assim o entendem, amanhã, pelas 19 horas, vão reunir na sede do seu Sindicato, à Boavista, para tomarem resoluções, visto que de nada lhes valeu a «sua resignação e os seus serviços patrióticos», confiando na sinceridade equitativa da Companhia.

Virão à greve?

**Ferroviários da C. P.**

Nota da comissão de demarches



